



75 Jun. 80

DIÁRIO DE NOTÍCIAS		COMÉRCIO DO PORTO	
PORTUGAL HOJE		DIÁRIO POPULAR	
CORREIO DA MANHÃ		DIÁRIO DE LISBOA	
DIA		CAPITAL	
DIÁRIO		TARDE	
A TRIBUNA			
PRIMEIRO DE JANEIRO			
JORNAL DE NOTÍCIAS	20. JUN. 1980		

«DIREITA ATACA-ME POR IDEOLOGIAS QUE NÃO TENHO»

HÁ DIRIGENTES PORTUGUESES

«AINDA ORGULHOSAMENTE SÓS»

— afirmou Lurdes Pintasilgo à IPS  
Fundação Cuidar o Futuro

Lurdes Pintasilgo considerou ser atacada pela Direita «por ideologias que não tenho ou nem sequer são ideologias», numa entrevista dada à «Inter Press Service» (IPS), em Nova Iorque, ontem distribuída.

Na entrevista, feita depois do encontro do Conselho Económico e Social da ONU, a IPS estabelece o paralelo entre os governos Vasco Gonçalves e Maria de Lurdes Pintasilgo, como «os mais atacados pela Direita», apesar de — diz — o último ser bem mais moderado que o primeiro. Os ataques continuam, não obstante, na imprensa conservadora portuguesa — comenta aquela à agência Latino-Americana. «Penso que os motivos são fundamentalmente dois: o primeiro estritamente político e o segundo de ordem psicológica» — afirmou Lurdes Pintasilgo.

«No primeiro caso, penso que a Direita reconheceu em mim uma alternativa da Esquerda, mas recebendo o apoio de uma zona que podemos chamar independente e que busca uma sociedade mais justa» — observou.

«Creio — acrescentou — que a sociedade que defendo está ligada à importância secundária que dou à ideologia. Por isso, a Direita ataca-me por ideologias que não tenho ou que nem sequer são ideologias».

«A razão psicológica — acrescentou — baseia-se no facto de ser mulher e «não pedir desculpa» nem por existir nem por governar. Surto aos olhos da Direita como uma ameaça ao seu código de valores e comportamento».

Por outro lado, «não exclui à partida — afirmou ainda — nenhuma hipótese de regressar a funções de Governo, mas devo sublinhar que as próximas eleições darão a possibilidade de remeter aos partidos políticos a responsabilidade de constituir Governo».

A IPS sublinhou a «grande dose de dinamismo, de realismo e até de sinceridade do Executivo Pintasilgo».

«É possível que essas características estejam relacionadas com a relação entre os problemas internos do país e as relações exteriores — comentou Lurdes Pintasilgo — e creio também que o seu dinamismo se deveu ao tempo limitado de que dispúnhamos. Isso obrigou-nos a tomar cada decisão no contexto de pro-

blemas mais amplos, tentando resolver problemas num tempo rígido».

A IPS considera que há entre os políticos portugueses um «certo provincianismo político, que chega ao ponto do presidente ir à Noruega sem ser acompanhado pelo Governo» e pergunta: «Isso não afecta a própria imagem de Portugal na Europa?»

«Creio que muitos dos dirigentes portugueses — diz Lurdes Pintasilgo —, apesar de terem estudado em universidades estrangeiras, mantêm uma atitude «orgulhosamente sós». No Mundo de hoje, não se pode ser governante sem tomar em conta os problemas contemporâneos da comunidade internacional e uma certa perspectiva para o futuro».

A atitude do actual Governo em relação ao Terceiro Mundo, «pois que — diz a IPS —, reiteradamente, afirma nada ter a ver com esse importante sector do Globo», é o motivo da pergunta seguinte. Solicitada a comentar essa atitude, disse o ex-primeiro-ministro:

«Numa certa capa da elite portuguesa, existe um óbvio desconhecimento da relação de forças existente no Mundo, daquele que se consolidou nos últimos vinte anos. É importante não esquecer que houve dirigentes portugueses que sustentaram as posições do Terceiro Mundo equivalentes às posições pró-soviéticas. É óbvio que esta asseveração reflecte um total desconhecimento da forma como funcionam as relações Norte-Sul e as relações Leste-Occidente».

«Nessas mesmas elites — diz ainda — há a convicção de que o processo de recuperação económica, que caracterizou a Europa do pós-guerra, pode repetir-se, o que mostra também um desconhecimento total, pois que a Europa de hoje procura outros caminhos e está longe da euforia de crescimento económico dos anos sessenta».

«Neste momento — conclui a entrevista — existem na Europa correntes de pensamento e manifestações sociológicas de incalculável valor e interesse para o futuro, mas para as elites que se apontam somente aos aspectos materiais da vida, tais aspectos, como fonte criadora de cultura, são alguma coisa que lhes passa inadvertido».